

10470

ALREM 03a0142-48

KEY CLI 237

SIST. 59224

Corrigir no  
desenho

OK

(1)

25 de Novembro de 1948

## NOSSO IRMÃO POETA

Visto de longe, como a saudade que me ficou dessa tarde infinita de leitura descontrolada e de sonho impreciso, que foi a distante adolescência de cada um de nós, ele agora me dá a impressão de um espírito que, pelo exercício excessivo da imaginação e da vida, perdeu todos os ancoradouros da convicção e fez da inteligência desiludida um sorriso amável para tudo.

O tempo é a ancora profunda, quando um aroma incerto de setembro, uma visão fugitiva no caminho, a súbita música que passa, a palavra solta no ar, o encontro imprevisto de um rosto, quando qualquer coisa faz vir à tona as horas esquecidas daquele tempo, também a velha coruja da lenda das rosas, os poemas nunca mais esquecidos, o traço fino e definitivo das páginas que ele escreveu se fazem presentes como a primeira riqueza que nosso espírito devorou e assimilou nos seus primeiros instantes de fascinação.

Com essa literatura (tão literária mesmo!) dos velhos tempos da casa desmoronada, das torres erguidas numa paisagem de outono, dos vitrais iluminados pelo lampejo do acaso, como tudo isso que foi o primeiro contato das almas adolescentes com a beleza literária do mundo, também outros poetas e outros prosadores, também outras forças que circulavam em torno foram devoradas e absorvidas pela nossa avidez inicial. Absorvidas, palpitaram um momento, se esgotaram depois, conviveram conosco e desapareceram na voragem particular de cada um. Só a coruja da lenda das rosas ficou. Só o seu mistério, o seu coro de virgens, a sua atmosfera de prece, o seu <sup>incurso</sup> universo, a sua doçura. Só a presença ativa desse poeta de ontem, de hoje, de agora, de cada

minuto de incerteza, em nossa saudade de nós mesmos, pela finura de seu traço, pelo sorriso de sua melancolia incurável, pela doce ironia de suas desilusões, pela agilidade literária de sua forma. Bem fundo que deixemos escorrer a ancora no silêncio do mar interior, lá estará ele com a sua prece distante como a primeira alvorada na boca de um santo. Era o primeiro sopro que nos trazia ao espírito ingênuo e imobilizado pelo encanto o milagre das rosas de França. Verlaine, — Mallarmé, <sup>Rimbaud</sup> ~~Reimbaud~~, <sup>Sarmain</sup> ~~Samair~~, o mundo novo da inteligência sensível que se — inaugurava e que ~~se~~ ele já vivera, chegara até nós através dessas pequenas mensagens nas quais o poeta nos revelava o outro lado da sensibilidade, e que nós não conhecíamos. E ainda maior que as alusões dos poetas de França, quase sempre veladas, e que nos entremostravam na rapidez de um comentário de duas linhas a existência de um universo diferente do nosso, ainda maior era a contribuição pessoal da originalidade desse mocho misterioso e distante cuja força poética nos desorientava e fascinava.

Outros viriam depois, como outros haviam existido a seu lado na remota idade dos que começavam a escrever com a tocante inocência das primeiras surpresas diante do mundo. Outros também viveriam em nosso espírito. Mas quem deixou em nós as rosas daquele instante, quem as alamedas do outono, a primeira voz das águas, os sinos majestosos e tristes do entardecer, o mito de Miss Fly, a mais esguia das mulheres, o rosto de um pierrô amortilhado no luar?

Talvez fosse pelo coração, depois... Talvez fosse docemente pelo seu humorismo, alguma vez. Mas se trouxermos a âncora à superfície, lá vem uma estrela verde, um ensaio de alga, a música esquecida dentro da concha — antiga. E o poeta único como certos pensamentos que a distância no tempo cristaliza para sempre, estará presente como na hora remota, como a seca flor

que ficou dentro do livro, como a recordação daquela Santa Cecília no crepúsculo do internato, como o aceno de despedida naquela manhã da infância.

Vamos morrendo em cada instante. Os espelhos passam sobre nossas cabeças as insensíveis pinceladas de cinza. Um dia, quando menos se espera, descobre-se dentro de nós essa voz silenciosa: vale a pena acordar amanhã?... Mas vamos ficando. Adiado sempre. A vida, sem querer, recorda certos momentos, e parece que a felicidade é agora mesmo que está nascendo. Aprendemos com o poeta a sorrir de nós mesmos. A água das fontes vai passando... Vida, doçura, esperança nossa... é a <sup>mesma parece desse instante mais</sup> ~~mais~~ velho que está conosco e, <sub>(minutwlu)</sub> ao nosso lado, fraternalmente, docemente, envelhece. Álvaro Moreyra, o nosso — passado, e também este instante de agora. Para sempre.